

O HISTORIADOR FORA DA SALA DE AULA- REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA NA GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Dra. Sandra Cristina Donner¹

RESUMO

O presente texto pretende apresentar as discussões sobre História Pública, seu desdobramento na carreira dos historiadores e historiadoras e propostas de atuação fora do ambiente acadêmico e escolar. Para trazer esse debate para licenciatura em História da FACCAT, foram implementadas dois componentes curriculares de Tópicos Especiais em História do Rio Grande do Sul, em que foram discutidos os produtos do historiador e os espaços de atuação do historiador. A apresentação das ações e debates que ocorreram durante essa prática docente e os resultados das atividades práticas em aula são detalhadas neste artigo. Essas atividades resultaram em projetos de ação promovendo documentários, jogos de tabuleiro, revistas em quadrinhos, exposições e roteiros turísticos e também projetos de fomento a serem apresentados nos editais culturais da região.

Palavras-chave: História Pública. Práticas docentes. Ensino de História. Memória. Ofício do historiador.

ABSTRACT

This text intends to present the discussions about Public History, its unfolding in the career of historians and historians and proposals for acting outside the academic and school environment. To bring this debate to a degree in History of FACCAT, two curricular components of Special Topics in History of Rio Grande do Sul were implemented, in which the historian's products and the historian's spaces of action were implemented. The presentation of the actions and debates that occurred during this teaching practice and the results of practical activities in class are detailed in this article. These activities resulted in action projects promoting documentaries, board games, comic books, exhibitions and tourist itineraries and also promotion projects to be presented in the cultural notices of the region.

Keywords: Public History. Teaching Practices. History Teaching. Memory. Historian's Profession.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O curso de História é um espaço que acolhe pessoas interessadas nos mais diversos temas, desde amantes da literatura histórica à interessados em política, jovens egressos do Ensino Médio pensando em sua carreira e adultos buscando

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, docente na Licenciatura em História da FACCAT, na linha de Teorias da História e Historiografia. *E-mail:* sandradonner@faccat.br.

estudar como aperfeiçoamento pessoal. Dentro desse cenário, as licenciaturas correspondem à maioria das graduações em História no Brasil. Um grande número das universidades e faculdades possui apenas esse curso, constituindo essa modalidade 85% dos cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação. O bacharelado, que forma o historiador-pesquisador, é oferecido em poucas graduações e geralmente é cursado depois da formação como licenciado.

Se nas graduações as especificidades de uma formação para a docência e para a pesquisa são expressas pelo nome do curso, no cotidiano dos estudos em licenciatura elas se sobrepõem e se completam. Os alunos, em sua caminhada para a profissão, passam por experiências de pesquisa nas disciplinas, nos projetos de pesquisa, nos Tccs. E ao final, saem com os títulos de docente e de historiador.

Pensando nesses múltiplos papéis, inseparáveis na vida de um bom professor, e dentro de uma perspectiva de que os historiadores e historiadoras devem atuar de forma ativa na sociedade, foi ofertada a disciplina de Tópicos Especial em História do Rio Grande do Sul, com a temática “Os usos da História e os *produtos* do historiador” e “O historiador fora da sala de aula - campos, práticas e possibilidades profissionais”. Essas duas experiências de trabalho docente junto aos alunos são exploradas neste artigo com o objetivo de refletirmos sobre os diversos papéis a serem ocupados pelos egressos do curso de Licenciatura em História da FACCAT.

O que nos deu a possibilidade de pensarmos nesses *outros* espaços e tarefas a serem ocupados e apreendidos pelos historiadores e historiadoras foram as crescentes reflexões sobre a História Pública e os públicos da História que esse novo campo historiográfico tem explorado e apresentado ao longo da última década. Essas perspectivas serão utilizadas como chave teórica para a compreensão dessa prática disciplinar apresentada agora.

2 UM NOVO/VELHO CAMPO DE ATUAÇÃO DO HISTORIADOR

A atuação dos historiadores na sociedade, para além dos espaços acadêmicos e docentes, sempre existiu. No século XIX, eles eram também jornalistas, literatos, professores e políticos, ainda sem uma estruturação acadêmica, esses papéis múltiplos eram vistos como o desdobramento de sua figura pública. Ao longo do século XX, e especialmente depois do surgimento das primeiras graduações e pós-

graduações em História no Brasil, com intensificação a partir dos anos 1950, essas atuações foram restringindo-se ao espaço da docência, porém nunca cessaram: seguiram, em paralelo, os acadêmicos e os amadores. Em um texto clássico, Michel De Certeau apresenta os pressupostos da profissão do historiador:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da 'realidade' da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada 'enquanto atividade humana', 'enquanto prática'. Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um *lugar* social, de *práticas* 'científicas' e de *escrita* (CERTEAU, 2002, p. 66, grifos do autor).

Esse texto, definidor das práticas e do lugar social da História e do historiador, apresenta o ofício vinculado ao espaço e às suas pesquisas, desdobrando em uma escrita que pode também ser entendida com uma narrativa. Sendo assim, um aluno de graduação, desde os primeiros componentes curriculares teóricos, familiariza-se com o debate entre os pares, com a percepção da validade (ou não) de determinadas produções e também apreende as regras da escrita da História.

No entanto, devemos contextualizar o trabalho de Certeau. Ele falava para um público e sobre um público, a saber, as escritas da História produzidas por historiadores de formação universitária. Ele também, possivelmente sem juízo de valor, separou as diferentes práticas do ofício do historiador. Em seu trabalho, deu indícios de uma percepção que se aprofundava posteriormente:

O professor é empurrado para a vulgarização, destinada ao 'grande público' (estudante ou não), enquanto que o especialista se exila dos circuitos de consumo. A produção histórica se encontra partilhada entre a obra *literária* de quem 'constitui autoridade' e o esoterismo *científico* de quem 'faz pesquisa' (CERTEAU, 2002, p. 74, grifos do autor).

Ao final do século XX, o cenário acadêmico passou um processo de abertura temática, metodológica e teórica. O trabalho dos historiadores da 3ª Geração dos Annales produziu frutos que aproximaram as obras de História dos leitores comuns. Paralelamente, a vaga patrimonial, detalhada por François Hartog, ganhou força, e as discussões sobre memória, história e patrimônio extrapolaram as paredes das faculdades.

Hartog (2006) coloca esse fenômeno como um dos elementos do presentismo, dessa aceleração do tempo, em que subitamente vivemos esse momento estendido, olhando para um passado e nublados de futuro. Nesse contexto, a evocação do passado, os monumentos e a vaga de patrimonialização, tentando “salvar” a memória prestes a ser esquecida pode explicar também o surgimento de nosso objeto de pesquisa. Esse autor aponta para o fenômeno: “Nesta nova configuração, o patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam um e outro como vetores da identidade: a palavra chave dos anos 1980” (HARTOG, 2006, p. 266).

Tal como uma onda que ganha força, no final do século XX, a História passou a ser consumida e escrita por outros agentes, além dos intelectuais dessa área. Claro está que *não-historiadores* sempre escreveram sobre história e memória, o que chamou a atenção foi o volume de interesse, refletido em mercado editorial, que passou a ocorrer. Sugiram diversas revistas sobre história: “Nossa História”, “Aventuras na História” e “História Viva” e a Revista de História da Biblioteca Nacional, são exemplos dessas produções. Também alguns autores despontam com grandes vendagens, como Eduardo Bueno, o Peninha, e Elio Gaspari, ambos jornalistas.

Nesse contexto de efervescência fora dos muros acadêmicos, o movimento da História Pública chega ao Brasil. Nos Estados Unidos e na Europa, essa área já estava em ascensão, chegando ao país pensando-se como um espaço de debates sem um método ou objetos próprios e tendo como conector a Rede Brasileira de História Pública. Santhiago apresenta as ideias da seguinte forma:

Outra parte da insistência nessa pergunta – ‘porque dar um novo nome a uma velha prática’ - ‘pode estar vinculada ao caráter polissêmico da expressão história pública, que se refere, pelo menos, a três instâncias: a atuação efetiva em história pública, isto é, *fazer* história pública; a reflexão sobre história pública, isto é, pensar a história pública; a reunião programada em torno da história pública, isto é, o *campo* da história pública (SANTHIAGO, 2016, p. 25, grifos do autor).

Os historiadores *de ofício* perceberam que a necessidade de inserir-se no cenário das novas produções era urgente. Se a sociedade demandava reflexões sobre o passado, eles, por dever de profissão, deveriam trazer esse conhecimento. Portanto, as primeiras versões da História Pública estavam focadas na audiência, na percepção de que a atuação como divulgadores era muito importante. Temos, nesse caso, o

exemplo clássico da obra de Mary Del Priori, com livros que, mantendo o rigor da pesquisa histórica, aproximavam-se da literatura pelo seu formato.

Esse campo da História Pública, pretende refletir sobre como os estudos de História se apresentam e são produzidos fora do ambiente acadêmico. Além disso, busca entender quais histórias e memórias circulam, quem as faz circular e qual o seu teor. Segundo Santhiago, um dos primeiros historiadores que trouxe essa discussão para o contexto brasileiro:

O pensar a história pública também já está bastante consolidado, se considerarmos a expressão como uma espécie de guarda-chuva conceitual capaz de abrigar tudo aquilo que tem sido pensado e escrito em chaves como: usos da memória; usos do passado; demanda social; percepção pública da história; divulgação científica da história; interpretação e curadoria; empoderamento e pesquisa-ação; apropriações midiáticas, literárias e artísticas da história - e assim por diante (SANTHIAGO, 2016, p. 26).

Contudo, a partir do desenvolvimento das reflexões sobre História Pública, e também da concretização de trabalhos nessa área, as definições sobre as ações dos historiadores e historiadoras também foram tomando corpo. Uma série de engajamentos e entrecruzamentos do trabalho passaram a ser visualizados e operados:

[...] a história feita *para* o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita *com* o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de uma 'autoridade compartilhada' é central); a história feita *pelelo* público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e a *história e público* (que abarcaria a reflexividade e a auto reflexividade do campo). Essa tipologia ajuda a elucidar que *predominâncias* e *exclusividades* são coisas bem diferentes (SANTHIAGO, 2016, p. 28, grifos do autor).

Essas novas perspectivas situam a História Pública não só como campo acadêmico mas também como área de ação fora das universidades. Abre um espaço cooperativo com o público, em que escutas e propostas possam ser estabelecidas de lado a lado. Os historiadores exercem o seu ofício dialogando e aprendendo com o público.

Partindo da intenção de trazer esse debate para a Licenciatura em História, entendendo que os papéis dos graduandos não deveriam se restringir à docência, também vista como um campo de ação da História Pública, foram pensadas duas

disciplinas autônomas, mas conectadas pelo mesmo espírito - pensar o historiador fora da sala de aula. As discussões sobre essa atuação perpassam todos os debates, desde o planejamento dos temas à escolha das leituras, sempre com foco em mobilizar, movimentar e “pensar fora da caixinha” do ofício do historiador clássico.

3 O PRODUTO DO HISTORIADOR- AMPLIANDO EXPERIÊNCIAS

O trabalho do historiador e da historiadora costuma ser vinculado, pelo senso comum, à vida acadêmica, aos livros, aos artigos, às palestras, a publicações diversas, a aulas e mais aulas. Embora, na prática, a maior parte dos graduados e pós-graduados veja-se cercada por essas tarefas, na atualidade, as fronteiras e as possibilidades expandiram-se. A formalização da História Pública como um campo, a produção de reflexões sobre ele, a troca de experiências e a popularização das temáticas permitiram que mais historiadores e historiadoras pudessem se encontrar nessas atividades *não acadêmicas*.

Pensando em trazer essas discussões para a FACCAT, foi apresentada uma temática chamada “Os usos da História e os *produtos* do historiador”, esta propôs-se a ser um espaço de inovação e exploração de temas que não costumam aparecer nos currículos tradicionais. Sendo assim, ao longo do semestre, os alunos refletiram sobre as aproximações do trabalho historiográfico com materiais alternativos, como fotografias, vídeos, músicas, entre outros.

Como introdução teórica, foi explorado o livro de Peter Burke *Testemunha Ocular- o uso de imagens como evidência histórica*. A escolha dessa leitura foi feita para que os alunos pudessem, a um só tempo, compreender os diversos usos e possibilidades que o trabalho com imagens pode trazer para a pesquisa e divulgação da História, e também para que compreendessem que a produção de imagens não pode ser tomada como *natural* ou *ingênua*. Quem as cria, seja pela fotografia, seja em audiovisual, está permeado de intencionalidades subjetivas ou objetivas, portanto cabe ao historiador, ao fazer uso delas ou produzi-las, estar ciente desses processos.

Em um segundo momento, foram apresentadas as diversas áreas de atuação do profissional de História, tais como a produção de histórias em quadrinhos, jogos de tabuleiro, jogos on-line, vídeos-documentários. Todos esses debates fizeram parte da iniciação dos estudantes em no campo da historiografia, denominado História Pública,

e com o objetivo aproximar a escrita sobre o passado, a memória e a História dos seus diversos públicos. As discussões teóricas e metodológicas foram sendo costuradas ao longo do debate, pois a principal característica proposta para essa disciplina era colocar em ação as ideias e experimentar espaços.

Nesse contexto, pretendíamos que os estudantes pudessem “praticar” essas discussões a partir da elaboração de materiais utilizando o acervo do laboratório do curso de História. Na prática, isso não aconteceu por uma escolha dos grupos de interesse, formados espontaneamente pelos alunos.

Na segunda parte da disciplina, os alunos, dentro dos grupos citados e partindo das discussões já entabuladas, escolheram materiais/fontes e produziram *produtos* de História com vistas a atingir o grande público, seja ele de alunos, seja da comunidade atendida pela Faccat. Esse período foi seguido de uma rica discussão em aula, em que as atividades ocorreram de forma presencial - por suporte e tutoria - e remota, quando os estudantes assim julgassem necessário, pois muitas vezes os materiais necessários encontravam-se na residência, ou era feito uso do laboratório de informática da instituição.

Para qualificarmos a formação dos alunos, foram convidados profissionais que fizeram de sua carreira acadêmica como historiadores uma porta para atingirem outros públicos interessados no passado. Sendo assim, foi realizada uma palestra com Bruno Ortiz Monllor, Mestre em História, desenhista premiado, atualmente professor e participante do projeto de histórias em quadrinhos de História do DEDS - UFRGS, LHISTE, NEAB e IACOREQ. Esse evento foi aberto para todos os estudantes da FACCAT interessados e permitiu uma importante troca de ideias interinstitucional.

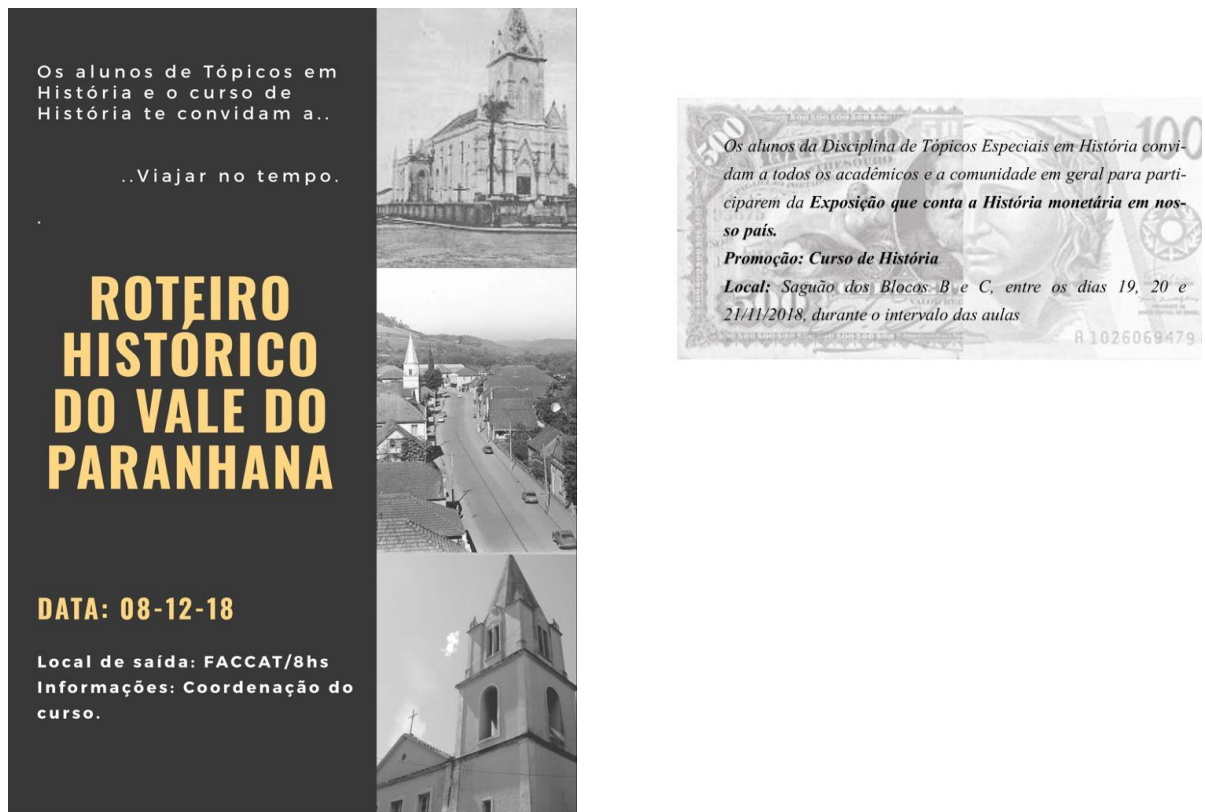
O segundo evento promovido foi a aula aberta do Doutor Marcello Paniz Giacomoni, que possui um expressivo trabalho sobre os jogos no ensino de História, que, além de uma apresentação teórica, contou com momentos práticos. Ele dissertou sobre os jogos em ambiente pedagógico, trouxe exemplos de jogos comerciais e de um jogo educacional, elaborado em cooperação entre a UFRGS e o movimento negro de Porto Alegre. Os participantes foram divididos em grupos e puderam jogar juntos para experimentarem esse jogo e compreenderem como ele foi desenvolvido, vivenciando as discussões sobre engajamento que haviam sido apresentadas na teoria.

Ao final de um rico semestre de discussões e experimentações, tivemos alguns projetos realizados. Um deles foi uma exposição sobre as moedas do Brasil, que ficou exposta no saguão entre os prédios B e C. Os alunos e alunas desse grupo ficaram como mediadores e atenderam e divulgaram seu trabalho ao longo de toda uma semana no horário de entrada e intervalos das aulas. Outro grupo escolheu realizar um documentário sobre tropeirismo como o *produto* a ser entregue. Para isso, aprendeu a editar vídeos, gravou entrevistas, fez pesquisa documental e realizou tomadas externas nas trilhas dos tropeiros.

Os jogos de tabuleiro também ocuparam interessaram diversos grupos, que criaram novos produtos dentro de diversos temas. Uma dupla de alunas criou uma trilha, livremente inspirada no Jogo da Vida, em que os jogadores poderiam participar como uma mulher, um comerciante, um político e um cafeicultor em um contexto do século XIX. Outro resultado foi um jogo sob o formato de aplicativo de celular, inteiramente desenvolvido pelos alunos, no qual, a partir de imagens, o jogador montaria um caça-palavras. Quando o jogador acertava, abria-se uma tela com o conceito histórico ou evento e sua explicação. Por fim, um grupo maior elaborou um jogo com temática medieval e inspirado nos jogos de RPG.

A última iniciativa que apresentamos aqui, fruto deste semestre, foi um roteiro turístico-histórico pelo Vale do Paranhana. Os alunos identificaram que os turistas que passam pela região em direção de Gramado e Canela, lá eles buscam por ambientes históricos. Todavia, as cidades no entorno da FACCAT possuem também uma rica história que vale a pena ser contada e conhecida. Esses jovens então elaboraram um roteiro, criaram um fôlder, montaram cartões com imagens de antes e depois das paradas e até mesmo um mapa indicativo. Ocorreram duas saídas para percorrermos esse trajeto. Em uma delas, os alunos do curso de História foram convidados, e em outra ele integrou a programação cultural do Simpósio sobre Imigração que ocorreu na instituição.

Figura 1 e 2: materiais de divulgação do roteiro Histórico pelo Vale do Paranhana e convite para a exposição sobre história da moeda



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Essas iniciativas, em que um tema é proposto, há espaço de estudo e reflexão e, posteriormente, os alunos e alunas têm total liberdade para criar um produto histórico demonstraram que o ofício do historiador pode ir além do que dar aulas, pesquisar e publicar. Historiadores e historiadores podem ser agentes na produção e democratização do acesso aos conhecimentos históricos e às memórias. Como indicado por Certeau, o historiador trabalha sobre os materiais para transformá-los em história: “[...] transformando inicialmente matérias-primas (uma informação primária) em produtos *standard* (uma informação secundária), ele os transporta de uma região da cultura (as ‘curiosidades’, os arquivos, as coleções) para outra (a história)” (2002, p. 79). Segundo esse autor, somente depois de passar pela *forja* do historiador que o passado é transformado em produto histórico e então procurado e consumido como tal.

4 O CAMPO DO HISTORIADOR - AMPLIANDO PERSPECTIVAS

Se, ao passar pela ação do ofício do historiador e da historiadora o passado se apresenta com o História acadêmica e científica, quando pensamos nos espaços de atuação sobre a memória, a história e o passado, encontramos uma realidade diferente. Visitar os lugares de memória, revisitar as lembranças, contar histórias, tudo isso faz parte da coletividade humana. As ideias da História Pública vêm, nesse contexto, a somar com iniciativas da população, das minorias, que veem o passado como casa, lar, luta. Santhiago, ao detalhar as ambições desse campo no Brasil, apresenta-o dessa forma:

Nesse movimento, a história pública feita no Brasil vem – com suas potencialidades e limitações – constituindo-se na sobreposição de camadas de influência, que incluem um denso repertório de práticas públicas, muitos modos de leitura e significação do passado., além de releituras de tradições intelectuais diversas, acessíveis aos historiadores brasileiros também em função do posicionamento (periférico, mas nesse sentido privilegiado). A forte influência das escolas francesas sobre a historiografia brasileira, a ampla disponibilidade de materiais em língua inglesa, a facilidade de leitura de textos em línguas latinas como o espanhol e o italiano, garantem aos historiadores uma perspectiva saudável e genuinamente cosmopolita: ‘o internacionalismo da mente e das sensibilidades, como escreveu C.Wright Mills em 1959, no Rio de Janeiro (2002, pg. 2). Diante disso, seria difícil que história pública feita no Brasil fosse uma só – menos ainda que se afirmasse como uma só (SANTHIAGO, 2018, p. 328).

Com isso, a aproximação dos historiadores e historiadoras com o público passa a acionar engajamentos e riqueza ao mundo acadêmico. Nessa perspectiva de ação nos espaços em que habitamos e circulamos, é que foi pensada a disciplina de Tópicos Especiais em História do Rio Grande do Sul, no segundo semestre de 2020, ainda em curso no momento da escrita deste artigo.

Se na primeira proposta pensamos os *produtos* que os historiadores e historiadoras poderiam desenvolver, agora refletimos sobre suas *ações* em uma perspectiva de ampliação de fronteiras, possibilidades, atuações. O título deixava clara a ambição: “O historiador para além da sala de aula: campos, práticas e possibilidades profissionais”. Queríamos também, no esteio da aprovação da profissionalização pelo Senado Federal, mostrar que as práticas profissionais também poderiam ser bem mais amplas do que a “sala de aula” e a pesquisa acadêmica.

Para dar conta dessa ambição, a disciplina foi planejada em módulos, inicialmente a serem lançados como curso de extensão, mas que ao final ocorreu apenas em sua terceira parte. A ideia de dividir em blocos, contidos em si, pretendia deixar claro aos discentes a coesão interna das discussões.

O primeiro módulo da disciplina foi teórico, no qual discutimos o papel do historiador fora da sala de aula, mas voltado para o campo de atuação na pesquisa, com os aparatos teóricos, sua atuação na defesa do patrimônio e memória e ação dentro do tempo presente. Para isso, iniciamos conceituando palavras-chave para compreender o ofício do historiador, tais como *História*, *Memória*, *Testemunho*, *História Oral*, *Consciência Histórica* e *Cultura Histórica*. Para isso, utilizamos um dicionário de termos históricos, seguido de textos que exploravam essa temática. Com a participação de muitos alunos em início de curso, era importante que todos estivessem apropriados do vocabulário e do conceitual da História para qualificar as discussões. Foram também apresentadas as discussões sobre a atuação dos historiadores e historiadoras junto ao patrimônio histórico edificado e imaterial, além de sua atuação na promoção e qualificação dos *lugares de memória*.

No segundo módulo, foram apresentadas e discutidas práticas e espaços do historiador, como por exemplo: história oral, história e cinema, história e teatro e literatura, história em quadrinhos, história e arte, história e jogos de videogame e RPG, a atuação dos historiadores em equipamentos culturais. Outro ponto discutido foi a atuação dos historiadores no campo da História Empresarial. Para detalhar e apresentar esse trabalho, foi convidado o historiador Christian Ordoque, Mestre em Comunicação e que atua na área. Em uma aula, ele detalhou como são feitas as captações de clientes, as diferenças entre os projetos de história acadêmica e história empresarial, apresentou as principais vantagens e desvantagens desse objeto e explicou sobre o desenvolvimento desses trabalhos como uma alternativa profissional.

O assunto da atuação profissional ligada às novas mídias e a produção de lazer engajou profundamente os alunos, eles mesmos consumidores de *podcasts*, vídeos no Youtube, jogos de videogame. Os mais familiarizados puderam exemplificar essa questão especialmente apresentando os jogos e a perspectiva apresentada por:

Ambos os grupos de 'jogos históricos' articulam conteúdos específicos do passado a determinadas regras e possibilidades de interatividade. Em um, o controle de ações mais individualizadas – como correr, lutar, saltar, etc. – em uma trama centrada em personagens; em outro, ações de administração social – coletar recursos, fazer guerra, alianças, etc. É importante lembrar que cada jogo possui interpretações distintas sobre o passado – obras como *Óregon Trail*, *Prince of Persia*, *Call of Duty* ou *Assassin's Creed* possuem intenções diferentes, portanto devem ser sempre compreendidas na relação entre seu contexto e sua produção, bem como na forma que articula seu conteúdo às diversas formas de jogá-lo. (BELO, 2017, n.p², grifo do autor)

Nas apresentações, em grupos escolhidos por critério de interesse, os alunos puderam trazer exemplos, apresentar vídeos e expandir o repertório de ideias e de conhecimentos. Essa abertura permitiu que os alunos pesquisassem de forma autônoma e trouxeram opções de jogos, canais de Youtube, sites, literaturas para muito além do que eu, como docente, conhecia ou imaginava.

Por fim, debruçamo-nos sobre as discussões acerca da História Digital e seu impacto na atuação e nos fazeres do historiador. A percepção de que já vivemos nesse meio digital, uma vez que a disciplina está ocorrendo de forma remota por conta da pandemia de Covid-19, fez com que, ao pensarem nos campos de atuação do historiador, essa seara fosse percebida com mais clareza. Voltando ao autor que norteia as reflexões deste artigo, Certeau explicita: “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico [sic], político e cultural” “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam” (2002, p. 66).

Ecoando Certeau e Prost (2012), o fazer do historiador e o rigor teórico e metodológico aprendidos na licenciatura ou no bacharelado podem e devem ser aplicados nas ações sociais e culturais das comunidades, para além do cotidiano da sala de aula. Prost explica a importância da formação

De fato, na história, compreender é sempre, de certa maneira, colocar-se pelo pensamento no lugar daqueles que são o objeto da história que se escreve. Tal procedimento supõe uma verdadeira disponibilidade, uma atenção e uma capacidade de escuta; a vida cotidiana é que nos permite o aprendizado de todos esses aspectos (PROST, 2012, p. 147).

² Como o texto original está na internet, não foi possível nesta citação direta indicar a paginação.

Essa disposição do historiador e da historiadora em intervir em seu ambiente nos levou ao terceiro módulo, ainda em andamento no momento da feitura deste artigo. A proposta era organizar o conteúdo de tal forma que fosse possível disponibilizar as cinco aulas finais como um curso de extensão, ampliando o público e democratizando as discussões. Nesse curso/módulo 3, temos a pretensão, sendo posta em prática, de mostrar as legislações de cultura e o trabalho do historiador; detalhar como são feitos os projetos de pesquisa no mundo acadêmico e quais adaptações seriam necessárias para transformar um projeto de pesquisa em um projeto de ação. Nessa aula, debruçamo-nos sobre questões formais e teóricas, pois, como bem indicado por Cardoso: “Todo processo de pesquisa parte de uma base teórica implícita ou explícita. Evidentemente, é muito melhor explicitar o quadro teórico utilizado, pois sobre o que fica implícito não se pode exercer qualquer tipo de controle” (2017, p. 5). Sendo assim, compreender os detalhes técnicos para elaborar um projeto pode trazer mais sucesso quando submetido aos editais.

Nas aulas seguintes, foram abordados os editais de fomento, suas diversidades e particularidades, e o trabalho do animador cultural ou mediador cultural. Para nos auxiliar, foi convidado o coordenador da Secretaria de Cultura do RS, que apresentou as principais alternativas de fomento e como acessá-las. Na aula seguinte, tivemos a participação da Diretora de Cultura da cidade de Rolante, que vem destacando-se pela boa condução da área. Ela tematizou sobre as formas de engajar o público e compreender que demandas a sociedade traz, além de perceber ativamente quais pontos precisam ser abordados e explorados. Sua participação trouxe perspectivas práticas e teóricas do trabalho do historiador engajado.

Por fim, foi convidado o Coletivo Pró-Cidadania, da cidade de Taquara, para conversar sobre suas atividades ao longo da execução dos projetos, cuidados a serem tomados e parcerias a serem estabelecidas. Paralelamente às aulas, os alunos foram instigados a ensaiar e escrever um projeto de cultura e pesquisa com vistas à captação de recursos. O objetivo desse exercício criativo era de compreendermos e apropriarmo-nos desse espaço de atuação, bem como discutir as possibilidades de ação e a leitura de contexto.

5 CONCLUSÕES

Na primeira aula desta disciplina, foram discutidos os conceitos de *Cultura Histórica* e *Consciência Histórica*. A cultura histórica é a forma como os grupos humanos relacionam-se com o seu passado, situando experiências no tempo e no espaço. Ela costuma ser adquirida na escola, mas também nas famílias, nos livros, cinema, museus, jogos, entre outros. Esse conhecimento pode ser maior ou menor de indivíduo para indivíduo, dependendo de seu ambiente cultural e social. A consciência histórica está calcada na identidade pessoal, nas memórias coletivas e na compreensão do conjunto social. Uma boa consciência histórica permite refletir sobre a historicidade e temporalidade das coisas, desnaturalizando o olhar e compreendendo que os processos sociais e culturais são construídos.

Esses dois conceitos norteiam o ofício do historiador. Como graduados em História, somos convocados a apresentar e ensinar cultura histórica, que, em contato com a sociedade, com a família e as reflexões individuais, desdobrar-se-ão em consciência histórica. Quando os historiadores ocupam espaços fora da docência - não negando a importância da mesma - eles podem qualificar a cultura histórica produzida na sociedade. Um historiador ou historiadora elaborando um jogo de videogame histórico certamente colocará elementos que os desenvolvedores não poderiam ter percebido. Um historiador ou historiadora como consultor(a) em um filme, uma peça de teatro, uma história em quadrinhos irá complexificar leituras do passado, que de outro modo poderiam incorrer em erros, simplificações ou anacronismos. Um historiador ou historiadora engajado(a) em projeto patrimoniais, de memória e de cultura em suas cidades contribui para a consciência histórica, para a cultura histórica e para a cidadania. Portanto, colegas, vamos ocupar espaços e produzir!

REFERÊNCIAS

BELLO, Robson Scarassati. **História e Videogames**: como os jogos eletrônicos podem ser pensados por historiadores. 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-e-videogames>. Acesso em 12 out. 2020.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Como elaborar um projeto de Pesquisa. **Revista Trabalho Necessário**, v. 15, n. 28, [s.p], 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/tn.15i28.p10563>. Acesso em: 18 out. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Vária História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36; p. 261-273, jul./dez. 2006.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas Palavras, Muitos Significados-alguns comentários sobre a história pública no Brasil. *In*: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida; SANTHIAGO, Ricardo. **História Pública no Brasil** - sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

_____. Pode-se falar de uma história pública brasileira? *In*: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Vlviane Trindade. **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.